

HEROÍNAS: MULHERES EM BUSCA DA HONRA NAS TRAGÉDIAS GREGAS

HEROINES: WOMEN SEEKING HONOR IN GREEK TRAGEDIES

Danielle Massulo Bordignon¹

Christine Rondon Teixeira²

RESUMO: O trabalho busca analisar a questão da honra das mulheres em algumas tragédias gregas: Antígona, Medéia e a trilogia Orestéia. A partir da noção de que um dos principais traços de um herói grego era a defesa da honra, questiona a exclusão de Antígona, Medéia e Clitemnestra do rol de grandes heróis da literatura grega, como Aquiles e Ajax. Ainda que os princípios que guiam todos esses personagens estejam centrados na defesa da honra, as mulheres são vistas como sensíveis ou vingativas e os homens como defensores de uma causa maior. Assim, utilizando uma metodologia comparativa, busca-se verificar se as condutas de tais mulheres eram próprias de personagens de tragédia.

PALAVRAS-CHAVE: Honra; mulheres; tragédia; herói; heroína.

ABSTRACT: This paper analyzes the matter of honor of women in some Greek tragedies: Antigone, Medea, and the Oresteia trilogy. From the idea that one of the main features of a Greek hero was the defense of honor, it questions the exclusion of Antigone, Medea, and Clitemnestra from the list of great heroes of Greek literature, like Achilles and Ajax. Even though the principles that guide all these characters are centered on the defense of honor, women are seen as sensible or vengeful while men are protectors of a greater cause. Therefore, by using a comparative methodology, it attempts to verify if the acts of such women were proper to a tragic character.

KEYWORDS: Honor; women; tragedy; hero; heroine.

“Palavras de mulher também são dignas de atenção; ouvi-as, pois!”

(Ésquilo, 2003, p. 83)

1 INTRODUÇÃO

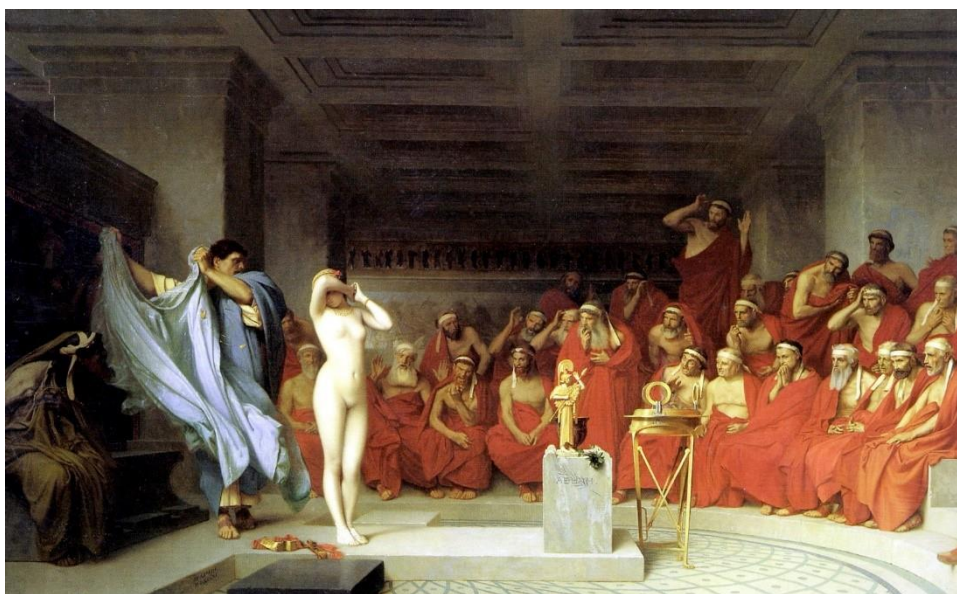
¹ Mestranda em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Graduada em Direito pela Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Gestão Integrada da Segurança Pública (GESEG/PUCRS) e do Grupo de Estudos e Pesquisas em Direito e Literatura (NEPEDILL/Uniuibe). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2706021665586112>. E-mail: daniellebordignon@gmail.com.

² Mestre em Ciências Sociais pela Unisinos. Graduada em Direito pela Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1785729525906758>. E-mail: christinerondont@gmail.com.

A Grécia antiga era um ambiente hostil para mulheres, que estavam confinadas ao lar, ao *óikos*, e se dedicavam exclusivamente às suas famílias. Chico Buarque sintetiza essa vida nos primeiros versos da famosa canção *Mulheres de Atenas*: “mirem-se no exemplo daquelas mulheres de Atenas, vivem pros seus maridos, orgulho e raça de Atenas” (Mulheres, 1976).

Poucas mulheres fugiam aos papéis tradicionais de gênero, mas é possível dizer que nenhuma delas fugia à estrutura patriarcal grega. É famoso o exemplo de Frinéia, a mais culta, bela e poderosa de todas as heteras,³ que foi acusada de profanar os mistérios de Eleusis e corromper cidadãos da República. Sua festejada beleza e erotismo não lhe pouparam de condenações morais, pois também era uma mulher livre e, assim sendo, má.

O julgamento de Frinéia foi retratado pelo pintor Jean-Léon Gérôme, em 1861, no quadro *Friné em frente ao Areópago*. A obra expõe o estratagema de seu defensor para absolvê-la: despi-la diante dos julgadores, clamando piedade ante a sua beleza, que denotava pureza e incapacidade para o mal.



Fonte: Wikipedia, 2020.⁴

³ Heteras eram mulheres livres, instruídas, educadas, dotadas de cultura filosófica e literária, com destacado encanto físico, que se tornavam facilmente ricas e poderosas. Uma famosa hetera foi Aspásia de Mileto, professora e administradora de um famoso bordel, que teria ensinado retórica a Platão.

⁴ GÉRÔME, Jean-Léon. *Phryné devant l'Aréopage*. 1861. 1 pintura. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Jean-L%C3%A9on_G%C3%A9r%C3%B4me,_Phryne_revealed_before_the_Areopagus_\(1861\)_-_01.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Jean-L%C3%A9on_G%C3%A9r%C3%B4me,_Phryne_revealed_before_the_Areopagus_(1861)_-_01.jpg). Acesso em: 23 ago. 2020.

Frinéia foi julgada por sua liberdade e absolvida por sua beleza. Foi “o trinfo imortal da Carne e da Beleza”, nas palavras do poeta Olavo Bilac, no poema *O Julgamento de Frinéia*. Para mulheres gregas, caracteres típicos de uma hetera eram facilmente julgados como maldade e empáfia. Foram essas as acusações desferidas contra Frinéia, eternizadas pelo poeta:

[...]

"Elêusis profanou! É falsa e dissoluta,
 Leva ao lar a cizânia e as famílias enluta!
 Dos deuses zomba! É ímpia! é má!" (E o pranto ardente
 Corre nas faces dela, em fios, lentamente...)
 "Por onde os passos move a corrupção se espraia,
 E estende-se a discórdia! Heliastes! condenai-a!"

Vacila o tribunal, ouvindo a voz que o doma...
 Mas, de pronto, entre a turba Hiperides assoma,
 Defende-lhe a inocência, exclama, exora, pede,
 Suplica, ordena, exige... O Areópago não cede.
 "Pois condenai-a agora!" E à ré, que treme, a branca
 Túnica despedaça, e o véu, que a encobre, arranca...

Pasmam subitamente os juizes deslumbrados,
 - Leões pelo calmo olhar de um domador curvados:
 Nua e branca, de pé, patente à luz do dia
 Todo o corpo ideal, Frinéia aparecia
 Diante da multidão atônita e surpresa,
 No triunfo imortal da Carne e da Beleza (Bilac, 2002, p. 57-93)

A filosofia da época aborda esse esquema de pensamento referente às relações de gênero na política e na literatura. Sócrates, embora o mais antigo, foi o mais progressista da tríade grega, defendendo em diversos diálogos a igualdade entre os sexos. Platão segue seu mentor e também exprime pensamentos nesse sentido. Aristóteles, no entanto, mostra-se como o mais conservador, afirmando em várias obras que existiria uma hierarquia entre os sexos, na qual o homem seria superior à mulher.

Não podemos afirmar que o pensamento aristotélico estivesse em desconformidade com a ideologia de sua época. De fato, tal hierarquia predominava em Atenas e as mulheres eram vistas e tratadas como inferiores aos homens. Dessa forma, é compreensível que Aristóteles incluísse essa visão em suas obras sobre política e ética, visto que esses seriam estudos sobre a “vida real”, com base em observações das relações políticas e sociais presentes no momento. O que vamos analisar, no entanto, é a retratação dos aspectos sociais nas tragédias escritas por Ésquilo, Eurípedes e Sófocles e a sua interpretação nos diz sobre como as mulheres que defendem a honra eram (e continuam sendo) vistas.

2 O HERÓI GREGO

Os heróis da Grécia antiga dizem muito sobre o pensamento daquela sociedade em relação aos papéis de gênero. Ainda que o conceito de herói não exigisse que este fosse do sexo masculino, apenas homens eram considerados efetivamente heróis aos olhos dos gregos. Certas características, como a defesa da honra, por exemplo, eram vistas como dignas de louvor quando presentes em homens e de repúdio quando em mulheres.

Temos em heróis como Aquiles, em *Ilíada*, e Ajax, na tragédia que leva seu nome, a valorização da reação pelo insulto à honra (Bongie, 1977). Importante notar que, em grego, a palavra *átimos* designa tanto a ausência de honra de uma pessoa quanto o fato de que esta não possuiria direitos civis/cidadania (Patterson, 2005). Dessa forma, podemos notar uma equivalência semântica que poderia se aplicar ao tratamento dado às mulheres. A cidadania e o direito à propriedade para as mulheres funcionavam apenas *pro forma*, exatamente com o intuito de garantir os direitos dos homens: a cidadania da mãe era requisito para a cidadania dos filhos e mulheres, tecnicamente, poderiam ser donas de propriedade contanto que não as administrassem.

As dimensões de proteção legal da honra também eram atravessadas por desigualdade de gênero. No caso de estupro, por exemplo, à mulher não era oportunizada a defesa de sua inocência, sendo apenas oponível pelo seu guardião em alguns casos. Pomeroy explica que “*a woman thus condemned was not allowed to participate in public ceremonies, nor to wear jewelry, and the most severe deprivation was probably that she would be a social outcast and never find another husband*” (Pomeroy, 1995, p. 86).⁵ Assim, apenas a honra do marido ou guardião era relevante para o Direito grego antigo, visto que somente ele poderia realizar a sua própria defesa (como se ele fosse a parte afetada em uma situação de estupro).

A vida na antiga Atenas para as mulheres era uma de exclusão e sujeição. Não lhes era permitido o voto ou a propriedade e suas existências estavam restritas ao lar. Aristóteles atribuía a naturalidade da subordinação da mulher ao homem à falta de autoridade do gênero feminino, do espírito necessário para o comando (Reeve, 2009).

O posicionamento de Aristóteles quanto às mulheres está presente em diversas de suas obras. Notadamente, em *A Política*, o filósofo afirma que “em todas as espécies, o macho é

⁵ “Uma mulher assim condenada não era permitida a participar em cerimônias públicas, nem usar jóias, e a privação mais severa era provavelmente que ela seria uma exilada social e nunca poderia encontrar outro marido” (Tradução nossa).

evidentemente superior à fêmea: a espécie humana não é exceção” (Aristóteles, 2006, p. 13). Já no capítulo XV de *Poética*, Aristóteles coloca:

No que diz respeito aos caracteres, há quatro aspectos que se devem ter em vista, e o primeiro e mais importante é que os caracteres sejam bons [...] O segundo aspecto a tomar em conta é que os caracteres sejam apropriados: um carácter por ter valentia mas *não é próprio de uma mulher ser valente e esperta*. (Aristóteles, 2008, p. 67, grifo nosso).

O pensamento de Aristóteles vai ao encontro do que está documentado sobre a vida das mulheres na Grécia antiga. Contudo, *Poética* não deveria ser um tratado político, mas um estudo sobre a arte. No capítulo em questão, Aristóteles analisa as qualidades dos caracteres na tragédia, e não na vida real. Há uma sensação de estranhamento na colocação do filósofo que não ocorre por estar em desconformidade com o pensamento do século XXI, e sim por não ser o que verificamos na arte da sua época. Sarah Pomeroy (1995) registra a discrepância que existia entre as mulheres na sociedade e as personagens femininas dos palcos, enquanto Carvalho (1988, p. 2) afirma que “normais para o conceito da época, embora seja, entretanto, bastante curioso o contraste entre esse conceito e o valor e dignidade da mulher que transparecem em tragédias gregas, notadamente na *Antígone*”. Sabemos que a vida das mulheres da antiga Grécia era muito mais difícil do que a das personagens dos palcos, mas pretendemos argumentar que mesmo no teatro, um espaço aparentemente mais progressista nas ideias de protagonismo feminino, não lhes era garantido o direito à honra.

3 MEDÉIA

Na tragédia que leva seu nome, Medéia é esposa de Jasão, que a abandona para se casar com a filha do rei de Corinto, Creonte. Seu indecoroso destino, arquitetado por Creonte e Jasão, seria o exílio, condenada a perder o seu marido (e, portanto, tutor), a sua pátria e a sua família. O exílio, considerada a sociedade da época, privaria Medéia e seus filhos de uma vida honrosa. Como vingança, Medéia põe em prática um plano que culmina no assassinato dos dois filhos do casal. A dificuldade em reconhecer Medéia como heroína pode vir, no entanto, da diferença como homens e mulheres são tratados até hoje.

Como aponta Elizabeth Bryson Bongie (1977), a vingança de Medéia não vem de um sentimento de amor rejeitado ou de ciúmes, mas da sua honra maculada e de seu medo de perda

de respeito e status. Contudo, autora lembra que isso seria comum em personagens masculinos, como Aquiles em *Ilíada* e Ajax na tragédia de Sófocles. Segundo Bongie:

Greek heroes are men and the system of heroic values evolved as a male ethic based on the idealization of the successful warrior whose bravery and physical prowess in battle and athletics and whose persuasive powers in debate enabled him to impose his will on lesser men and thence to win lasting renown. (Bongie, 1977, p. 30)⁶

Assim, Medéia não é excluída do rol de heróis por suas ações serem reprováveis em si, mas por terem sido praticadas por uma mulher, uma agente imprópria para tais atos. Novamente, a afirmação de Aristóteles não encontra correspondência na tragédia de Eurípedes, que desenvolve uma personagem valente e esperta.

A inteligência de Medéia é demonstrada pela sua astúcia na escolha da forma de vingança. Ciente de que não possui a força física para enfrentar Jasão, ela utiliza os atributos que tem - magia e acesso aos filhos - para executar um elaborado plano de vingança que é ainda mais cruel do que o simples homicídio do marido. Creonte teme isso e afirma: “sabes como arruinar alguém (és bem-dotada de nascença)” (Eurípedes, 2010, p. 51). Medéia reconhece e responde: “saber tenho de sobra e inveja alheia há quem me louve a fleugma, há quem critique, desdém também” (Eurípedes, 2010, p. 51).

Já sua coragem advém do ato que pratica: assassinar os próprios filhos. Sua escolha é absolutamente racional, mas ela não a alcança sem enfrentar seus medos. Medeia relaciona as dúvidas sentimentais à covardia, lamentando “que infâmia ouvir de mim reclamos típicos de gente frouxa” (Eurípedes, 2010, p. 119). Trata-se de um conflito tipicamente atribuído ao gênero 193eminine, visto que “*self-sacrifice or martyrdom is the standard way for a woman to achieve renown among men; self-assertion earns a woman an evil reputation*” (Pomeroy, 1995, p. 108).⁷ Para Pomeroy, no entanto, a intenção de Eurípedes não seria impor um julgamento, mas levantar um questionamento:

Many women perpetrate villainous deeds in Euripidean tragedy. However, old myths are paraded not to illustrate that the female sex is evil, but rather to induce the audience to question the traditional judgement on those women.

⁶ “Heróis gregos são homens e o sistema de valores heróicos evoluiu como uma ética masculina baseada na idealização do soldado bem-sucedido cuja bravura e destreza física na batalha e atlética e cujos poderes de persuasão em debate o permitia que impusesse sua vontade em homens menores e então ganhasse renome duradouro” (Tradução nossa).

⁷ “Auto-sacrifício ou martírio é a forma tradicional para uma mulher alcançar o renome entre homens; auto-afirmação garante à mulher uma reputação má” (Tradução nossa).

Euripides counters the ideas expressed in the misogynistic platitudes by portraying individual women and their reasons for their actions. (Pomeroy, 1995, p. 108)⁸

O reconhecimento de Medéia como heroína não significa que seus atos devam ser vistos como bons ou éticos, no sentido que o próprio Aristóteles defende em *Ética a Nicômaco*. Apenas propomos que não se exclua Medéia de um rol que conta com personagens tão moralmente reprováveis quanto ela. Veja-se o grandioso Agamêmnon, responsável pelo (heróico) assassinato da própria filha, mantido como herói dentro da narrativa trágica e também pelos críticos da obra. Esse padrão duplo de comportamento, no qual os homens ganham notoriedade por ações que, se praticadas por mulheres, são dignas de desprezo, tão somente expõe o sexismo que não é superado até hoje.

4 ORESTÉIA

Orestéia é composta por três tragédias, escritas por Ésquilo e que foram representadas pela primeira vez em 458 a.C.: *Agamêmnon*, que relata o retorno do personagem-título a Argos após a Guerra de Tróia e seu assassinato pela esposa, Clitemnestra; *Coéforas*, no qual Orestes, filho de Agamêmnon e Clitemnestra, mata a mãe como vingança pelo assassinato do pai; e *Eumênides*, que narra o julgamento de Orestes - e de Clitemnestra, presente em espírito - pelo crime cometido.

Já na primeira cena, a Sentinela alerta que está em vigília por “ordens da mulher de ânimo viril, rainha nossa” (Ésquilo, 2003, p. 19), Clitemnestra. Já se sabe que Agamêmnon assassinou a filha Ifigênia como sacrifício à Deusa Ártemis, para obter ventos propícios à partida para a famosa Guerra de Troia, e que os gritos da menina “em nada comoveram os guerreiros ansiosos por saciar a sede de combates” (Ésquilo, 2003, p. 26). A única pessoa que parece sentir pela morte de Ifigênia é a mãe, Clitemnestra, que, anos depois, assassina o marido em vingança. Atacada pelo Coro de anciãos e o Corifeu, Clitemnestra afirma que foi “guiada só pela justiça” (Ésquilo, 2003, p. 74), apontando, ela própria, o padrão duplo de julgamento por atos semelhantes praticados por um homem e uma mulher:

⁸ “Muitas mulheres praticam atos vis nas tragédias Euripedianas. Porém, velhos mitos são expostos não para ilustrar que o sexo feminino é mau, mas para induzir a plateia a questionar o julgamento tradicional sobre essas mulheres. Eurípedes contraria as ideias expressadas nas banalidades misóginas retratando mulheres e suas razões para suas ações” (Tradução nossa).

Agora me condenam ao amargo exílio, ao ódio da cidade, à maldição do povo, mas contra este homem nada foi falado. No entanto ele, sem escrúpulos, sem dó, indiferentemente, como se lidasse com algum irracional (e havia numerosos em seus velosos, cuidadíssimos rebanhos), sacrificou a sua própria filha – e minha -, a mais querida que saiu deste meu ventre, apenas para bajular os ventos trácios! Não era esse pai cruel que merecia ter sido desterrado, expulso deste solo em retribuição ao crime inominável? Comigo sois severo [...]. (Ésquilo, 2003, p. 74)

Clitemnestra planejou o assassinato do marido desde sua partida para Tróia, tramando em conjunto com Egisto, seu amante e primo de Agamêmnon. O desígnio foi executado no preciso dia do retorno do vitorioso rei heroico, que havia trazido consigo Cassandra, “a mais formosa flor entre as troianas todas” (Ésquilo, 2003, p. 52), tomada como amante e troféu de guerra. Enquanto Clitemnestra é imediatamente condenada por ter tomado um amante durante a viagem do marido à guerra e depois cometido assassinato contra o esposo, Agamêmnon é desde o início aclamado pelo “sacrifício” em imolar Ifigênia e pela vitória honrosa, representada pela amante e cativa Cassandra.

Já em *Coéforas*, segunda parte da trilogia, Electra, a outra filha de Agamêmnon e Clitemnestra, aguarda o retorno do irmão Orestes a fim de vingar o pai e afirma que Clitemnestra “maltratou impiedosamente os filhos e se tornou indigna do nome de mãe” (Ésquilo, 2003, p. 100). Nada é mencionado sobre o crime de Agamêmnon, tampouco é citado o nome da irmã assassinada. Orestes mata a mãe e, em *Eumênides*, último título da trilogia, é julgado pelo tribunal de Atena. Lá, Clitemnestra é retratada como uma assassina fria e cruel, e, novamente, o ato de Agamêmnon não é referido.

O matricida passou a ser perseguido pelas Fúrias (Eumênides), criaturas mitológicas imbuídas de pungir sofrimento e remorso àqueles que estavam destinados ao inferno. As Fúrias o perseguiram e açoitavam por onde ele fosse, colocando-o à beira da loucura. Acolhido por Apolo em sua fuga, Orestes foi orientado a buscar um julgamento justo para libertar-se da perseguição das fúrias vingadoras de sua mãe. Assim foram para Atenas.

Em Atenas, foi formado um júri composto por oito pessoas de reputação ilibada escolhidas por Atena, a deusa da sabedoria. Iniciado o julgamento, o deus Apolo falou em defesa de Orestes, e Atena também declarou que, havendo empate, intercederia em favor do suplicante, Orestes, pois ela própria havia nascido sem passar por um ventre materno, tendo “ânimo sempre [a] favor dos homens” (Ésquilo, 2003, p. 181). Clitemnestra, por sua vez, tinha apenas o ímpeto das Fúrias em favor de seu pleito: “Ele tem seus amigos e eu – pobre de mim! – não tenho um sequer!” (Ésquilo, 2003, p. 152).

No centro do debate, estava a comparação entre o crime cometido por Orestes e o crime cometido por Clitemnestra, reforçando que, para os julgadores, venceu a tese de que matar um marido seria sempre mais grave do que matar uma mãe, pois os homens são imbuídos de maior importância do que as mulheres inclusive na concepção, uma vez que mulheres apenas nutrem o germe nelas fecundado: “o criador é o homem que a fecunda” (Ésquilo, 2003, p. 178). Em nome de Clitemnestra, havia apenas as Fúrias.

Diante disso, não foi dado a Clitemnestra o direito de defender a honra própria e de sua filha, motivo pelo qual foi considerada justa a vingança de Orestes, este sim possuído pelo espírito de justiça em honra à memória do pai-herói.

5 ANTÍGONA

Antígona (442 a.C.) é a terceira peça da famosa *Trilogia Tebana*, de Sófocles, iniciada pela tragédia mais aclamada do período, *Édipo Rei* (427 a.C.), merecedora de sucessivas referências na *Poética* de Aristóteles como a mais perfeita tragédia já escrita, e seguida por *Édipo em Colono* (401 a.C.).

Édipo foi o célebre herói trágico que inspirou Freud na construção de um dos principais conceitos da psicanálise, o “complexo de Édipo”, e possivelmente o personagem mais conhecido das tragédias gregas. A história é marcada por uma profecia do oráculo de Delfos recebida pelo rei Laio, pai de Édipo, segundo a qual o menino viria a matar o próprio pai e desposar a mãe, Jocasta. Temeroso, o rei Laio ordenou que o pequeno menino fosse amarrado pelos pés e deixado como comida para as feras, mas o pastor enviado para cumprir a missão teve pena do bebê e o levou para casa, sendo depois deixado aos cuidados rei de Corinto, que o criou como próprio filho.

Contudo, nada impediu a realização da profecia. Os caminhos de Édipo e do rei Laio se cruzam novamente e, de forma incauta, Édipo mata o próprio pai, tornando-se o rei de Tebas, e desposa a mãe, com quem tem quatro filhos.

Ao descobrir o infortúnio do destino cumprido, Édipo vaza os próprios olhos e passa a ser guiado no exílio por sua filha Antígona, ainda uma criança. Conforme a segunda peça, *Édipo em Colono*, ele recebeu promessa de asilo em Colono e firmou amizade com Teseu, rei de Atenas, encerrando assim sua peregrinação. Sob a proteção de Teseu, morreu abençoando a terra que não era a sua e o povo que não era o seu.

A terceira história narra o retorno de Antígona a Tebas, agora governada por seu tio Creonte, uma vez que seus dois irmãos mataram um ao outro em disputa pelo trono. O corpo de um deles foi honrado com enterro e libações dignas de herói, mas Creonte proibiu qualquer rito ou lágrima pelo outro. Antígona, contudo, decide enterrar e honrar o irmão, preferindo seguir as leis não escritas dos deuses às leis profanas dos homens. Ismene, sua irmã, recua: "põe na cabeça isso, mulheres somos, não podemos lutar com homens" (Sófocles, 2011).

Mas Antígona não hesita e demonstra valentia. Tem orgulho de sua decisão e a executa. Após descumprir ordens do rei e ser confrontada, não nega seu crime e chega mesmo a sorrir "com um sorriso sarcástico" em meio ao debate no qual o rei Creonte anuncia sua pena de morte em razão da afronta às suas ordens. Assim como no caso da Clitemnestra de Ésquilo, em *Antígona* é estranho e repudiável que uma mulher se orgulhe de sua valentia, sempre tida como insanidade, empáfia e insolência.

Tebas murmurava em defesa de Antígona, que teria agido com verdadeira justiça. Mas Creonte resistiu em mudar seu veredito principalmente porque Antígona era mulher. Se ele cedesse, Antígona se tornaria o homem e a mulher seria o rei: "se devemos cair, que seja pela mão de um homem. Não se diga que somos inferiores às mulheres" (Sófocles, 2011).

Assim, condenando Antígona, Creonte encontra o próprio destino. Seu filho, noivo de Antígona, tira a própria vida e, em seguida, a esposa de Creonte também se mata.

Na história de Antígona, diferente da trajetória de Clitemnestra, a personagem encontra algum reconhecimento e validação de sua valentia na própria narrativa, uma vez que o povo e o seu noivo colocam-se como apoiadores de sua causa e intercedem por ela. Porém, Antígona é duramente punida por seus atos e o rei expressa que o este julgamento decorre da impossibilidade de aceitar aqueles atos justamente por terem sido praticados por uma mulher.

6 A DEFESA DA HONRA E O JULGAMENTO DA MULHER

A honra da mulher não é mencionada nas tragédias pois, para os gregos, haveria apenas a honra do homem. O dever da mulher seria proteger a honra do marido. As ações de Clitemnestra e Medéia são reprovadas pelo Coro pois elas tentam se igualar a um homem, defendendo algo que não lhes é próprio. Da mesma forma, Antígona ofende seu rei por ousar descumprir suas ordens, mesmo sendo mulher, ficando nítido que os mesmos atos, se cometidos por um homem, seriam perdoados e considerados expressão de valentia.

Quando Clitemnestra acusa o Coro de julgá-la pelo seu sexo, na verdade ela está pedindo para ser julgada como uma heroína, como alguém que cometeu homicídio em nome da honra, e não como uma traidora do lar.

Medéia, Clitemnestra e Antígona são igualmente guiadas por valentia e esperteza, com trajetória digna de qualquer herói grego, não fosse o fato de que tais caracteres, segundo Aristóteles, em *Poética*, não seriam bem-vindas em personagens mulheres.

A noção de honra e a legitimidade para reivindicá-la apresentam-se intrinsecamente ligados à noção de gênero em marcantes passagens dos clássicos a seguir analisados. Em *Coéforas*, de Ésquilo, a personagem Electra espera por seu irmão para vingar a morte de seu pai. Diante do túmulo de Agamêmnon, ela suplica por ajuda, pois ela própria não pode agir segundo sua noção de justiça:

Concede-me que eu seja sempre mais sensata que minha mãe e tenha as mãos muito mais inocentes! São estas as preces referentes a nós, mas quanto aos inimigos imploro que afinal venha juntar-se a mim um homem para te vingar, bastante forte para matar teus assassinos, pai querido, em justa retaliação [...]. (Ésquilo, 2003, p. 97).

O caráter da honra é tão indissociável da masculinidade que um personagem poderia inclusive ser simbolicamente destituído de sua condição de homem caso agisse com desonra. Foi o caso de Egisto, que tramou com sua amante, Clitemnestra, o famigerado e dito desonroso assassinato do rei Agamêmnon. Egisto foi imediatamente acusado pelo Corifeu de ser mulher:

Mulher! Tu és mulher, tu, que permaneceste refestelado em casa, apenas esperando os homens empenhados em combates árduos! Enquanto desonravas um leito de herói, covardemente meditavas o assassinio de um corajoso comandante de guerreiros. (Ésquilo, 2003, p. 82)

Também para Orestes Egisto havia agido com desonra, pois possuía “coração de mulher”:

Não tenho, então, a obrigação de acreditar no oráculo? Inda que não lhe desse crédito o feito se consumaria, pois impulsos me impelem sempre para uma conclusão: além do mandamento nítido de Apolo, a dor profunda pela morte de meu pai, as ameaças da pobreza detestável e sobretudo o desejo de não deixar nossos concidadãos, vencedores em Tróia graças à sua resoluta valentia, serem escravizados por duas mulheres (de fato, o coração de Egisto é de mulher; se ele não sabe, logo ficará sabendo!). (Ésquilo, 2003, p. 105).

Lynn M. A. Bauman (2004) afirma que a honra na tragédia advém da opinião popular sobre o sujeito. Assim, para a autora, Clitemnestra deve ganhar a aprovação do Coro de que seus atos decorreram de sua honra maculada, e não de interesses materiais. Contudo, o que vemos é o Coro julgando as ações de Clitemnestra e Egisto como femininas, sendo eles indignos de honra.

Esta relação entre honra e gênero também é marcante na *Trilogia Tebana*, de Sófocles. Quando as irmãs Ismene e Antígona retornam à sua terra e se veem impedidas de enterrar o corpo de um de seus irmãos – mortos um pela mão do outro -, o conflito entre desafiar as leis do rei e honrar a memória do irmão é posto também - ou principalmente – em razão de gênero. Ismene defende que elas nada podem fazer, pois são mulheres:

Põe na cabeça isso, mulheres somos, não podemos lutar com homens. Há mais, somos dirigidas por mais fortes, temos que obedecer a estas leis e a leis ainda mais duras. De minha parte, rogo aos que estão debaixo da terra que tenham piedade de mim, sou forçada a isso, obedecerei a quem está no poder; fazer mais que isso não tem nenhum sentido. (Sófocles, 2011)

Antígona, contudo, age com determinação e coragem, firme em seu desígnio:

Age como te parece melhor; a esse eu enterrarei. Se ao fazê-lo tiver que morrer, que bela [morte será! Amada repousarei com ele, com meu amado, criminosamente pura, por mais tempo deverei agradar os lá debaixo que os cá de cima. Lá repousarei para sempre. Tu, se te parece, descura o que honram os deuses. (Sófocles, 2011).

Todas estas mulheres, representadas de forma dissociada das normas impostas à sua época, foram submetidas a duríssimos tribunais, sendo duplamente inferiorizadas: diminuídas nas narrativas, porque destituídas da possibilidade de portarem caracteres heroicos, e diminuídas nas abordagens das tragédias clássicas, visto que amplamente associadas a mulheres meramente vingativas ou loucas.

Os assassinios de Medéia contra os filhos e de Clitemnestra contra o esposo subverteram os sistemas familiares. Antígona, para além dos vínculos familiares com Creonte, insubordinou-se ao próprio rei. Todas rejeitaram as regras sociais segundo as quais mulheres deveriam ser dóceis, gentis e submissas. Os julgamentos que se sucederam não colocam os homens no banco dos réus, embora tenham cometido crimes tão ou mais graves que nossas personagens: Jasão que traiu e condenou a esposa e os filhos a uma vida sem honra; Agamemnon, que matou a própria filha e retornou de Tróia trazendo uma amante como troféu

de guerra; Orestes, que matou a própria mãe; Creonte, que desonrou o corpo do sobrinho e mandou matar a sobrinha, noiva do próprio filho. Haveria honra e valentia em algum destes atos?

7 NOTAS FINAIS

Em uma sociedade, a honra é um dos conceitos mais importantes para um indivíduo. É a forma como ele se vê e a forma como ele é visto. É a boa reputação e a dignidade perante os demais membros do grupo. Pensar que uma mulher não possui direito à proteção contra injúrias e difamações é algo que deveria ser ultrapassado na contemporaneidade. Ainda assim, os preconceitos presentes nas tragédias da Grécia antiga soam um tanto atuais em alguns momentos.

O fato de institutos como a “legítima defesa da honra” serem aplicados tão somente quando a honra afetada é a masculina levanta a questão: as palavras e as dores das mulheres são ouvidas como dignas de atenção? O trabalho teve a intenção de estudar retratos literários dessa desconsideração das ações das mulheres em face de abalo que, em qualquer contexto masculino, seria chamado de honra.

Quando a parte afetada é uma mulher, no entanto, são sentimentalidades dignas de pena. A resposta ativa da mulher que escolhe não se calar é vista com reprovação e ela se torna uma vilã, nunca uma heroína. Entender que Medéia, Clitemnestra e Antígona atuam como pessoas racionais, independentemente do seu sexo, descaracterizaria a hierarquia imposta há milênios, na qual o homem representa a razão e a mulher, a emoção. Significaria colocar mulheres em igualdade com homens no rol de grandes heróis gregos.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *A Política*. Tradução Roberto Leal Ferreira. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006. 321 p.

ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução de Ana Maria Valente. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008. 123 p.

BAUMAN, Lynn M.A. *Virtue and Honour: The Gender Division Aeschylus’ Oresteia*. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Universidade de St. Andrews, St. Andrews, 2004. 140 f.

BILAC, Olavo. *Antologia: Poesias*. São Paulo: Martin Claret, 2002.

BONGIE, Elizabeth Bryson. Heroic Elements in the Medea of Euripedes. *Transactions of the American Philological Association*, v. 107, p. 27-56, 1977.

CARVALHO, Alfredo Leme Coelho de. O caráter dos personagens na Poética de Aristóteles. *Revista de Letras*, v. 28, p. 1-7, 1988.

ÉSQUILO. *Oréstia: Agamêmnon, Coéferas, Eumênides*. Tradução Mário da Gama Kury. 6. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. 198 p.

EURÍPEDES. *Medéia*. Tradução Trajano Vieira. São Paulo: Ed. 34, 2010. 191 p.

GÉRÔME, Jean-Léon. *Phryné devant l'Aréopage*. 1861. 1 pintura. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Jean-L%C3%A9on_G%C3%A9r%C3%B4me,_Phryne_revealed_before_the_Areopagus_\(1861\)_-_01.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Jean-L%C3%A9on_G%C3%A9r%C3%B4me,_Phryne_revealed_before_the_Areopagus_(1861)_-_01.jpg)>. Acesso em: 23 ago. 2020.

MULHERES de Atenas. Intérprete: Chico Buarque. Compositores: Chico Buarque e Augusto Boal. *In: Meus Caros Amigos*. Intérprete: Chico Buarque. São Paulo: Philips, 1976. Disponível em: <<https://youtu.be/MabbVn0Rlv4>>. Acesso em: 30 dez. 2020.

PATTERSON, Cynthia. Athenian Citizenship Law. *In: GAGARIN, Michael; COHEN, David (ed.). The Cambridge Companion to Ancient Greek Law*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005. p. 267-289.

POMEROY, Sarah. *Goddesses, Whores, Wives, and Slaves: Women in Classical Antiquity*. New York: Schocken Books, 1995. 267 p.

REEVE, C. D. C. The Naturalness of the Polis in Aristotle. *In: ANAGNOSTOPOULOS, Georgios (ed.). A Companion to Aristotle*. United Kingdom: Wiley-Blackwell, 2009. p. 512-525.

SÓFOCLES. *Antígona*. Tradução Donaldo Schüler. Porto Alegre, L&PM, 2011. *E-book*.